



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)**  
**INSTITUTO DE LETRAS (IL)**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS**  
**(LIP)**

**Juliana Garcês de Almeida**

**UM ESTUDO COMPARATIVO DAS SENTENÇAS CLIVADAS,  
PSEUDOCIVADAS E RELATIVAS**

Brasília

2013

**Juliana Garcês de Almeida**

**UM ESTUDO COMPARATIVO DAS SENTENÇAS CLIVADAS,  
PSEUDOCIVADAS E RELATIVAS**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à disciplina Seminário de  
Português como requisito para a obtenção  
do título de Bacharel em Letras –  
Português pela Universidade de Brasília  
(UnB).

Orientadora: Profa. Dra. Helena da Silva  
Guerra Vicente

Brasília  
2013

**Juliana Garcês de Almeida**

**UM ESTUDO COMPARATIVO DAS SENTENÇAS CLIVADAS,  
PSEUDOCIVADAS E RELATIVAS**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à disciplina Seminário de  
Português como requisito para a obtenção  
do título de Bacharel em Letras –  
Português pela Universidade de Brasília  
(UnB).

Orientadora: Profa. Dra. Helena da Silva  
Guerra Vicente

Data da aprovação:

---

Profa. Dra. Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília

## AGRADECIMENTOS

A confecção e conclusão deste trabalho não teriam sido possíveis sem a torcida, colaboração e incentivo de familiares, amigos e colegas, aos quais dedico profunda gratidão.

À minha mãe, Kátia Garcês, por ser tão forte quando tudo parece querer despençar e por transmitir essa força quando eu mais preciso, por ser quem é e por me inspirar, graças a sua companhia e influência, a ser alguém melhor. Ao meu pai, Gilson Almeida, por nunca permitir que eu me contentasse com o melhor.

Ao meu irmão mais velho, Vítor, por me ensinar tanto com sua existência, pela presença diária em coração e mente, não importando a aparente distância; pela proteção incondicional, pelas músicas, risadas, sorrisos, abraços. Ao caçula, Hugo, por todo o zelo ao cuidar de mim, por aturar meus piores dias e instantaneamente melhorá-los com sua personalidade forte e encantadora.

Ao meu parceiro de todas as horas, Dejan Medeiros, pelo amor que me surpreende a cada dia; obrigada pelo esforço e êxito em me fazer feliz. À irmã, May Alves, pela amizade que me fortalece há tantos anos. Aos amigos desde e para sempre, Cristhian Cantarino e Lorrany Gasel.

Aos amigos de graduação que me acompanharam desde a primeira aula do Sobral até a última folha deste trabalho de conclusão de curso: Aline Sales, pela leveza que tanto me é necessária em momentos de estresse; Anne Werlang, pelo companheirismo de sempre, por mostrar que quer meu bem por meio de atitudes e palavras; Débora Alencar, pela afinidade tão grande que acaba sendo transposta para a nossa fisionomia; Marina Alvarenga, pelo protagonismo que detém em minha vida; Daniel Lukan, por todas as conversas cinéfilas, acadêmicas ou totalmente aleatórias.

Agradeço, por fim, à minha orientadora, Professora Doutora Helena da Silva Vicente Guerra, que me guiou na feitura desta pesquisa com disponibilidade, presteza e, principalmente, paciência.

“As línguas servem para comunicar. Mas elas não apenas ‘servem’. Elas transcendem essa dimensão funcional. Às vezes, as línguas fazem-nos ser. Outras, como no caso do homem que adormecia em história a sua mulher, elas fazem-nos deixar de ser. Nascemos e morremos naquilo que falamos, estamos condenados à linguagem mesmo depois de perdermos o corpo. Mesmo os que nunca nasceram, mesmo esses existem em nós como desejo de palavra e como saudade de um silêncio.” (Mia Couto)

# Um estudo comparativo entre sentenças clivadas, pseudoclivadas e relativas

Juliana Garcês de Almeida<sup>1</sup>

## RESUMO

Ao falarmos ou escrevermos, aplicamos recursos diversos a fim de delimitar o sentido que se pretende dar a determinado enunciado. Na fala, a entonação é uma das estratégias que identificam o que queremos evidenciar em nosso discurso. E, na fala ou na escrita, há também processos sintáticos capazes de destacar ou demarcar determinados elementos; construções clivadas e pseudoclivadas podem ser utilizadas para tal. As sentenças *Pedro comeu o bolo* e *Foi Pedro que comeu o bolo* possuem as mesmas condições de verdade; entretanto, sintática e pragmaticamente, são distintas. O presente trabalho tenciona descrever e analisar as sentenças clivadas, construções ignoradas pela Gramática Tradicional, apesar de produtivas e frequentes ao falante de português brasileiro. O trabalho estruturar-se-á da seguinte forma: aborda-se, em princípio, o conceito de clivagem; desvela-se a distinção entre sentenças clivadas e pseudoclivadas; diferenciam-se estruturas clivadas de construções relativas; em seguida, aponta-se a abordagem realizada por gramáticas tradicionais acerca das sentenças clivadas; e, por fim, demonstra-se a pertinência do estudo, observadas as assíduas ocorrências da clivagem no português brasileiro contemporâneo escrito.

Palavras-chave: Sentenças Clivadas; Pseudoclivadas; Relativas; Português Brasileiro.

## 1 Clivagem

A clivagem ocorre, geralmente, quando, por meio da cisão de uma sentença, há o destaque sintático de um sintagma que recebe leitura de foco<sup>2</sup>, localizado entre

---

<sup>1</sup> Universidade de Brasília (UnB) – Instituto de Letras (LIP) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP). [juliana.garcês@unb.br](mailto:juliana.garcês@unb.br)

uma cópula e um complementizador. A clivada canônica, portanto, é formada por uma cópula, um constituinte que segue a cópula e uma sentença iniciada por um *que* invariável. Faz-se mister ressaltar que o constituinte entremeado pela cópula e pelo complementizador deve ser o foco da sentença. Para marcar esse sintagma em foco, utiliza-se o pico acentual (ARAÚJO, 2010; FERNANDES-SVARTMAN, 2007).

O processo de clivagem é realizado a partir de dois tipos de construções plenas: as clivadas e as pseudoclivadas. Em comum, essas estruturas possuem a propriedade de focalizar o constituinte pós-cópula; porém, muito se discute acerca da diferença entre elas, uma vez que as conceituações e interpretações não são unificadas na tradição gerativista (AKMAJIAN, 1970; HIGGINS, 1973; CHOMSKY, 1977; BOSKOVIC, 1997; MODESTO, 2001). Mais adiante, na seção 2, explana-se mais minuciosamente acerca da diferença entre as duas construções.

## 2 Clivadas x Pseudoclivadas

O entendimento de que clivadas e pseudoclivadas são derivadas de uma fonte comum e de que ambas contêm relativas, desde Akmajian (1970), foi amplamente adotado nos estudos gerativistas. Trabalhos mais recentes, no entanto, refutam essa proposta, ao demonstrarem que o tipo de leitura veiculada não é a mesma para as duas construções (BOSKOVIC, 1977), admitirem que clivadas não contêm relativas (MIOTO; NEGRÃO, 2007), ou simplesmente apontarem distinções diversas nessas duas construções. A seguir, desvelar-se-á um panorama de trabalhos a esse respeito.

Pioneiro na análise da clivagem sob o modelo gerativista, Akmajian (1970) propôs que clivadas e pseudoclivadas derivam de uma fonte comum, unificando sua interpretação de forma que ambas possuem CP preenchido por uma relativa. Assevera Akmajian (1970, p. 149): “I propose that the cleft sentence is syntactically

---

<sup>2</sup> Entende-se como pressupostas as partes das sentenças que são partilhadas pelos falantes e ouvintes; a parte não pressuposta, ou seja, o foco, é a informação nova na sentença. (ZUBIZARRETA, 1999 apud CORTÊS JUNIOR; RIBEIRO, 2009)

derived from the pseudo-clefts sentence by a rule which extraposes the initial clause of the pseudo-cleft sentence to the end of the sentence”<sup>3</sup>.

Essa proposição de Akmajian (1970) se depara, entretanto, com o problema de que nem toda derivação constrói sentenças gramaticais para constituir uma clivada. Adiante demonstra-se que a concepção proposta pelo autor é plausível quando a derivação se dá no par (1)<sup>4</sup> e agramatical para o par (2).

- (1) a. [O que o menino comeu] foi o bolo.  
b. Foi o bolo [o que o menino comeu].
- (2) a. Foi o bolo [que o menino comeu].  
b. [\*Que o menino comeu] foi o bolo.

Akmajian (1970) discute, ainda, duas interpretações facultadas em algumas sentenças pseudoclivadas, tal como em (3): uma predicacional e outra especificacional.

- (3) O que o Pedro é é horrível.

Na primeira possibilidade de leitura, a predicacional, *horrível* caracteriza a sentença *Qu* por inteiro que, desse modo, deve ser percebida como uma expressão referencial (cf. “[O que o Pedro é] é horrível”). Parafraseando a sentença, tem-se “Aquilo que o Pedro é é horrível”, ou melhor, “O Pedro é alguma coisa e ser essa coisa é horrível”. Já na leitura especificacional, o adjetivo *horrível* predica sobre Pedro. Nesse caso, a predicação é realizada por meio do elemento *Qu* e a paráfrase para a sentença seria “O Pedro é horrível”.

Sobre essas duas possibilidades de leitura, Boskovic (1997 apud MIOTO; NEGRÃO, 2007) acresce que apenas as pseudoclivadas podem ser classificadas como especificacionais (4a) e predicacionais (4b).

- (4)<sup>5</sup> a. O que a Maria é é escandalosa.  
b. O que a Maria é é escandaloso.

Em (4a), temos uma pseudoclivada especificacional, evidenciada pelo fato de que a flexão de gênero do adjetivo concorda com *Maria*, o sujeito da relativa livre. Já em (4b), a flexão de gênero masculino indica a concordância com a própria relativa

<sup>3</sup> “Eu proponho que a sentença clivada é sintaticamente derivada da sentença pseudoclivada por uma regra que extrapõe a oração da sentença pseudoclivada para o final da sentença.” (tradução nossa)

<sup>4</sup> Sentenças (1) e (2) extraídas de Mioto e Negrão (2007, p. 166), dados (17) renumerados.

<sup>5</sup> Extraído de Mioto e Negrão (2007, p. 167), dados (19) renumerados.



livre, ou seja, com o predicado que ela denota – o que constitui, portanto, um caso de pseudoclivada predicacional.

Bošković (1997 apud MIOTO; NEGRÃO, 2007) influi na distinção entre pseudoclivadas e clivadas a medida que esclarece que as sentenças clivadas só podem ser especificacionais, sem que haja uma contraparte predicacional.

Em Perini (2000), é apresentada a seguinte definição:

Sempre que em uma oração houver um termo marcado [+Cl], haverá também uma outra oração que difere da primeira nos seguintes particulares:

- (a) a oração começa com o verbo *ser*, no mesmo tempo em que está o verbo principal da oração primitiva;
- (b) segue-se o termo marcado [+Cl];
- (c) segue-se o item *que(m)*;
- (d) seguem-se, na ordem, os demais termos da oração primitiva. (PERINI, 2000, p. 215)

A esta conceituação escapam os casos em que o tempo (5a) ou número (5b) do verbo copular diferem daqueles do verbo da oração primitiva – construções que se mostram mais frequentes no português brasileiro –, como em:

- (5)<sup>6</sup> a. **É** [o João] que **saiu**. (*versus* Foi o João que saiu)  
b. **É** [os meninos] que **vão** comigo.

Perini (2000) considera que o item *que(m)* segue o constituinte clivado, sendo a seleção desse elemento influenciada pelo traço [humano] – o que se distancia da concepção de que apenas as pseudoclivadas apresentam os pronomes *Qu* (inclusive, portanto, o pronome *quem*), indicada por Braga, Kato e Miotto (2009). Para as pseudoclivadas, o autor expõe a seguinte definição:

Sempre que houver em uma oração um termo marcado [+Q], haverá também uma oração que se difere da primeira nos seguintes particulares:

- (a) começa com *que* ou *quem*;
- (b) segue-se o restante da oração, sem o constituinte marcado [+Q];
- (c) segue-se o verbo *ser*, no mesmo tempo do verbo principal da oração primitiva;
- (d) segue-se o constituinte marcado [+Q]. (PERINI, 2000, p. 216)

A distinção das clivadas para pseudoclivadas se dá, segundo o autor, pela ordem dos constituintes. Há de se observar também que não há opcionalidade quanto ao elemento *Qu* inicial – que, nas pseudoclivadas, é totalmente determinado pelo traço [humano], conforme se vê a seguir:

<sup>6</sup> Extraído de Braga, Kato e Miotto (2009, p. 256), dados (26) renumerados.

(6)<sup>7</sup> a. Quem assou o cabrito foi o vovô.

b. \* Que/ o que assou o cabrito foi o vovô.

Em Braga, Kato e Mito (2009, p. 253), a clivagem é definida como "uma operação que se aplica a uma sentença qualquer (...) e a cinde em duas. (...) O resultado desta cisão é que ela produz um nível de encaixe (...) ausente da sentença que sofreu o processo de clivagem". A partir dessa definição, temos o exemplo da sentença em (7a)<sup>8</sup> convertida em uma construção clivada (7b) e em pseudoclivada (7c).

(7) a. O menino comeu a torta.

b. Foi [o menino] que comeu a torta.

c. Quem comeu a torta foi [o menino].

Sentenças clivadas, segundo estes autores, apresentam-se, portanto, como recurso para salientar sintaticamente o sintagma em foco, ou seja, a informação nova – identificando-a, como foco de informação, ou denegando informação interior, como foco contrastivo. O foco deve se mostrar prosodicamente saliente na sentença e deve ser marcado pelo pico acentual. A fim de demonstrar a diferença entre uma sentença clivada, com leitura de foco, e uma sentença relativa, têm-se os exemplos a seguir:

(8) a. Quem foi que comeu a torta?

b. **Foi** [o meNino] **que** comeu a torta.

c. Quem saiu correndo?

d. **Foi** [o menino **que** comeu a TORta].

A resposta que sucede à pergunta em (8a) conduz ao foco em [o menino], localizado entre a cópula e o complementizador, e com pico acentual marcado pelo friso em maiúsculas. Já a pergunta em (8c) induz que o foco na resposta é [o menino que comeu torta] – neste caso, o *que* não funciona para isolar o foco, mas como pronome relativo –, e o pico acentual recai sobre *torta*.

Em Braga, Kato e Mito (2009) prevalece o entendimento de que a diferença primordial entre as construções clivadas e pseudoclivadas reside no fato de que

---

<sup>7</sup> Extraído de Perini (2000, p. 216), dados (23) e (24) renumerados.

<sup>8</sup> Exemplos (7) e (8) extraídos de Braga, Kato e Mito (2009, p. 253), dados (20) e (21) renumerados.

aquelas apresentam um *que* invariável como núcleo do complementizador enquanto estas têm como sujeito uma relativa livre encabeçada por um pronome *Qu*.

A fim de explicitar o porquê de as pseudoclivadas integrarem uma relativa e as clivadas não, e dissociando de sua análise estudos anteriores que consideram as duas construções como unificadas e derivadas de uma fonte comum, Mito e Negrão (2007) elencam fatores que as distinguem:

- Clivadas têm o CP preenchido por um *que*, enquanto pseudoclivadas têm uma expressão *Qu* que, em determinados casos, pode ser omitida;
- Pseudoclivadas podem ser especificacionais ou predicacionais; as clivadas, por outro lado, só podem ser especificacionais;
- Apenas pseudoclivadas podem veicular foco de informação; as clivadas restringem-se a enunciar foco contrastivo/restritivo.

### **3 Clivadas x Relativas**

As discussões que circundam a estrutura de uma sentença clivada não se limitam à sua distinção em relação às pseudoclivadas. Muitos estudos também abordam a existência ou não de uma relativa integrante da estrutura clivada. Mito e Negrão (2007) se opõem à concepção de que o CP das clivadas se constitui como do tipo relativo, proposta amplamente admitida por gerativistas.

Para ratificar a tese de que clivadas e relativas são estruturas diferenciadas, apresentam argumentos prosódicos, sintáticos e semânticos. Neste ínterim, ressaltam que as pseudoclivadas não estão inclusas nessa discussão, pois, pela análise de Bresnan e Grimshaw (1978 apud MIOTO; NEGRÃO, 2007), seu CP é considerado relativa livre.

#### **3.1 Aspectos Prosódicos**

Como argumento prosódico para defender o CP das clivadas como distinto do CP das relativas, Miotto e Negrão (2007) atestam que, em uma clivada, o próprio constituinte clivado recebe o pico acentual; na relativa, entretanto, não é o pivô quem o recebe. Dessa forma, como resposta à pergunta de (9a), tem-se (9b), que é uma clivada, considerando que o constituinte *o menino* é foco, com destaque em maiúscula para marcar o pico acentual. Já para a segunda pergunta (9c), a resposta induz um pico acentual, frisado em maiúsculas, que recai sobre *torta*, constituinte que não atua como pivô da sentença.

- (9)<sup>9</sup> a. Quem foi que comeu a torta?  
b. Foi [o meNIno] que comeu a torta.  
c. Quem saiu correndo?  
d. Foi [o menino que comeu a TORta].

Disso, conclui-se que “a prosódia [...] quando contém uma relativa (restritiva, pelo menos) é substancial e sistematicamente diferente [...] da clivada, então as duas sentenças não devem ter a mesma estrutura sintática” (MIOTTO; NEGRÃO, 2007, p. 174).

### 3.2 Aspectos sintáticos

Faz-se necessário, previamente à análise sintática comparativa de clivadas com relativas, explicar a conceituação aplicada a estas últimas. De acordo com Miotto e Negrão (2007, p. 160, *passim*), a sentença relativa possui um “CP encaixado”, subordinado a uma sentença matriz, e um constituinte por eles denominado de pivô – geralmente um sintagma nominal –, que desempenha relações semânticas com a sentença matriz e com a relativa, sendo a função sintática e os papéis temáticos do constituinte pivô independentes para cada uma dessas sentenças.

Por exemplo, em (10a) e (10b), os pivôs das sentenças relativas são, respectivamente, *os alunos* e *o leite*, na medida em que se relacionam com a matriz e com relativa. Em (10a), no tocante à sentença matriz, *os alunos* é complemento da preposição *com*, “de quem recebe o papel temático de companhia” (MIOTTO;

---

<sup>9</sup> Dados do exemplo (8) retomados em (9)

NEGRÃO, 2007, p. 160), e figura ainda como sujeito da relativa *que foram reprovados*.

- (10) a. Ela se reuniu com os alunos [que foram reprovados].  
b. Ela tomou o leite [que estava no copo].

No que concerne às relativas livres, Bresnan e Grimshaw (1978 apud MIOTO; NEGRÃO, 2007) realizam testes diversos a fim de distingui-las: contrastam-nas com completivas interrogativas, demonstram propriedades morfológicas das expressões *Qu*, atestam as propriedades verbais específicas, apontam a possibilidade de uma relativa realizar o processo de clivagem.

Observando toda a análise de Bresnan e Grimshaw (1978), Mito e Negrão (2007, p. 165) concluem que a expressão *Qu* “é um constituinte semanticamente partilhado pela matriz e pela relativa”. Tem-se em (11) um exemplo de relativa livre que ilustra a proposição aqui postulada: atuando como o pivô, *quem* relaciona-se tanto com a relativa quanto com a matriz, ao passo que age como complemento do verbo *procurar* e, concomitantemente, atende às exigências do verbo *ajudar* denotando quem ajuda.

- (11) O aluno procura quem possa ajudá-lo com o trabalho.<sup>10</sup>

Finalmente no tocante aos argumentos sintáticos apresentados por Mito e Negrão (2007) a fim de embasar a afirmativa de que o CP das clivadas não é do tipo relativo, ressalta-se que ao pivô da relativa são impostas algumas restrições de natureza categorial: adjetivos, advérbios e verbos não podem figurar como pivô de relativa; em contrapartida, podem ser clivados.

A proposição de Mito e Negrão (2007) é exemplificada adiante, em (12): não há possibilidade de que os CPs das sentenças clivadas possam ser relativos, uma vez que os constituintes clivados tratam-se, respectivamente, de um adjetivo, um advérbio e um verbo.

- (12) a. É *escandalosa* que ela é.  
b. Foi *calmamente* que ele partiu.  
c. É *viajar* que ele quer.

---

<sup>10</sup> Todos os exemplos mencionados nesta seção foram extraídos e renumerados de Mito e Negrão (2007, p. 166-177).

Outro argumento proposto na distinção entre relativas e clivadas se dá pelo fato de que o deslocamento à esquerda é permitido ao foco das clivadas, movimento não admitido ao pivô das relativas, uma vez que deixaria, nas palavras de Miotto e Negrão (2007, p. 177), o “CP órfão” de seu pivô.

Pela análise de Bresnan e Grimshaw (1978 apud MIOTO; NEGRÃO, 2007) para que o CP *que o menino comeu* seja relativo, na sentença (13), o constituinte *o bolo* deve ser o pivô externo. Esse movimento à esquerda não é, porém, habitual ao pivô da relativa, como supostamente teria ocorrido com o constituinte aqui em pauta. De acordo com Miotto e Negrão (2007), o deslocamento à esquerda do pivô, caso o CP encaixado fosse do tipo relativo, ficaria impossibilitado, na medida em que não é permitido que o CP encaixado aparte-se de seu pivô.

(13) O bolo foi [<sub>CP</sub> *que o menino comeu*].

Restrições para o deslocamento à esquerda não se impõem, entretanto, para pseudoclivadas, segundo Miotto e Negrão (2007). Isso se dá graças às suas semelhanças tanto com as relativas livres, considerando a existência da expressão *Qu* como pivô, quanto com as clivadas, visto que possuem um constituinte focalizado.

Para a pseudoclivada, por possuir uma expressão *Qu* que figura como pivô da relativa livre, ao foco é conferida alguma “independência” na sentença, ou seja, seu movimento para a periferia esquerda é possível e resulta em uma sentença gramatical. Exemplificando tal afirmação, temos a sentença (14a), da qual, em (14b), se realiza o deslocamento à esquerda do constituinte *o bolo*.

(14) a. Foi o bolo [<sub>CP</sub> *o que menino comeu*].

b. O bolo foi [<sub>CP</sub> *o que menino comeu*].

Mais uma alegação a fim de comprovar que o CP clivado não é do tipo relativo estabelece-se na forma que o pivô ou o foco podem ser retomados. De acordo com Rizzi (1997 apud MIOTO; NEGRÃO, 2007), apenas a *ec* (*empty category*, “categoria vazia”) retoma o constituinte clivado; conforme Tarallo (1983 apud MIOTO; NEGRÃO, 2007), em se tratando do pivô da relativa, quando “realizado externamente como um DP, pode ser retomado por um pronome resumptivo” (MIOTO; NEGRÃO, 2007, p. 177).

Em (15), o constituinte clivado *o aluno* é retomado pela categoria vazia (*ec*), formando uma sentença gramatical e inteligível; a gramaticalidade, no entanto, é comprometida na sentença (16), com a retomada do constituinte mediante um pronome resumptivo, *para ele*. Já em (17) quando esse constituinte é o pivô da relativa, *o aluno* é retomado sem problemas pelo resumptivo.

(15) Foi para o aluno que o João acha [que o professor entregou o livro *ec*].

(16) \*Foi (para) o aluno que você entregou o livro para ele.

(17) [<sub>DP</sub> O aluno] que você entregou o livro [para ele] não veio hoje.

Além das questões sintáticas supra-assinaladas a fim de embasar a tese de o CP da clivada não ser do tipo relativo, Mito e Negrão (2007) contrapõem a análise de Lopes Rossi (1994 apud MIOTO; NEGRÃO), a qual centraliza o tratamento de clivadas, pseudoclivadas com relativa livre e relativas com pivô externo, fundamentada pela concepção de *small clause* (SC) como complemento da cópula postulada por Kato (1993 apud MIOTO; NEGRÃO, 2007).

Por esse entendimento, na *small clause*, o foco assumiria a função de sujeito e o CP, de predicado, cujo Spec seria preenchido por um NP nulo (18a), um NP lexical (18b) ou uma expressão *Qu* (18c), sempre seguidos de uma relativa.

(18) a. Foi [<sub>SC</sub> [o bolo] [<sub>NP</sub> Ø [<sub>CP</sub> que o menino comeu]]].

b. Foi [<sub>SC</sub> [o bolo] [<sub>NP</sub> a coisa [<sub>CP</sub> que o menino comeu]]].

c. Foi [<sub>SC</sub> [o bolo] [<sub>CP</sub> o que o menino comeu]]].

Mediante essa premissa, elucidar-se-ia o porquê do deslocamento à esquerda, e do conseqüente distanciamento da relativa, do constituinte clivado *o bolo* ser possível, visto que o pivô da sentença dissocia-se do constituinte clivado, segundo esse entendimento, solucionando o problema de o pivô da relativa ser considerado o foco (MIOTO; NEGRÃO, 2007).

Surgem, porém, outras questões conflituosas implicadas nessa análise: a incidência de adjetivo assumindo a posição de sujeito da SC, classe que não pode ocupar função de sujeito, na sentença (19); o foco *o bolo* ser sujeito e não o predicado da *small clause*; a agramaticalidade da sentença (20b), em que uma relativa não pôde ter o *t* (*trace*, “vestígio”) suprido por um pronome resumptivo.

(19) É [<sub>SC</sub> [escandalosa] [<sub>NP</sub> Ø [<sub>CP</sub> que a Maria é <sub>t</sub> que]]].

(20) a. Quem foi que o professor reprovou?

b. \*Foi [<sub>SC</sub> [o aluno] [<sub>NP</sub> Ø [<sub>CP</sub> que o professor reprovou ele]]].

Elementos importantes na argumentação de Miotto e Negrão (2007), no intuito de garantir a natureza não relativa do CP das clivadas, são a função sintática, o papel temático e o Caso desempenhados pelo pivô e pela *ec* de uma relativa. Em se tratando de uma relativa verdadeira, conforme asseguram os autores, o Caso e o papel temático do pivô e da *ec* são independentes.

Tal postulação é ilustrada no exemplo (21), no qual *a menina* está em Caso acusativo e papel temático de tema e a *ec* tem Caso nominativo e papel temático de agente. A categoria do pivô e da *small clause*, da mesma forma, não precisam coincidir: em (22), o pivô, *na casa*, é um PP (*preposition phrase*, “sintagma preposicional”) e a *ec* é um DP (*determinater phrase*, “sintagma determinante”):

(21) Encontrei a menina<sub>i</sub> que <sub>eci</sub> agrediu o João.

(22) Ela mora na casa<sub>i</sub> que eu construí <sub>eci</sub>.

A independência nas funções do antecedente e da *small clause* das relativas, conforme se mostrou anteriormente, não ocorre, no entanto, quando se versa sobre foco e *small clause* de clivadas. Miotto e Negrão (2007), com o objetivo de justificar a impossibilidade do constituinte clivado possuir um papel temático distinto daquele da *ec*, esclarecem que a cópula é um verbo funcional e, dessa forma, o constituinte focalizado *o aluno*, da sentença (23a), não teria papel temático para receber. Em contraste, há agramaticalidade quando o constituinte clivado apresenta a mesma categoria que a *ec*, situação exemplificada em (23b), e, sob essas condições, o Caso deve ser o mesmo.

(23) a. Foi o aluno que foi reprovado.

b. \*Foi na casa que eu construí <sub>ec</sub>.

Apontado por Miotto e Negrão (2007), o último item sintático aqui analisado na defesa do CP das clivadas como não sendo relativo, é o respaldo em Ambar (2004). Assevera a autora, conclusivamente:

Summarizing:

- the tense in free relatives is not necessarily identical to the tense in the matrix clause; in clefts it is;
- there is no categorial identity between the subject and the predicate of a small clause having a free relative as subject; in clefts there is;



- clefts are not free-relatives.<sup>11</sup> (AMBAR, 2004, p. 109)

O primeiro fator elencado por Ambar (2004) evidencia o imperativo de que o tempo do verbo *ser* da oração matriz coincida com o tempo do verbo do CP encaixado. Segundo o exame proposto por Ambar, portanto, a sentença (24), por exemplo, não pode ser uma clivada, visto que a cópula *foi* está no passado e o verbo do CP encaixado *é* está no presente; nesse caso, o CP encaixado *que sempre é reprovado* trata-se de uma oração relativa. Já no exemplo (25), sendo *o aluno* o foco da sentença, trata-se de uma estrutura clivada.

(24) Foi o aluno que sempre é reprovado.

(25) É o aluno que sempre é reprovado.

### 3.3 Aspectos Semânticos

No tocante aos argumentos semânticos oferecidos por Miotto e Negrão (2007) a fim de respaldar a distinção entre o CP de clivadas e relativas, destaca-se o trabalho de Kiss (1998 apud MIOTO; NEGRÃO, 2007) de as clivadas produzirem foco identificacional que atuam tal qual um operador, de modo que acaba por exprimir exaustividade no foco identificacional.

Kiss (1998 apud MIOTO; NEGRÃO, 2007) realiza dois testes a fim de comprovar o foco identificacional exaustivo das clivadas. O primeiro teste, proposto por Szabolcsi (1997 apud MIOTO & NEGRÃO, 2007), consiste em produzir duas sentenças clivadas: uma (26a)<sup>12</sup>, com o constituinte clivado composto por dois DPs coordenados; outra (26b), com a retirada de um dos sintagmas da coordenação. Configurar-se-á um foco identificacional exaustivo se a segunda sentença não reproduzir a consequência lógica da primeira – o que não ocorre em sentenças não clivadas, tal como em (27).

---

<sup>11</sup> “Resumindo:

- o tempo em relativas livres não é necessariamente idêntico ao tempo da oração matriz; em clivadas, é;

- não há identidade categorial entre o sujeito e o predicado de uma *small clause* tendo uma relativa livre como sujeito; em clivadas, há;

- clivadas não são relativas livres.” (tradução nossa)

<sup>12</sup> Todos os exemplos mencionados nesta seção foram extraídos e renumerados de Miotto e Negrão (2007, p. 179-181).

- (26) a. Foi uma bolsa e um sapato que a Maria comprou naquela loja.  
 b. Foi uma bolsa que a Maria comprou naquela loja.
- (27) a. A Maria comprou uma bolsa e um sapato naquela loja.  
 b. A Maria comprou uma bolsa naquela loja.

Criado por Farkas e citado por Kiss (1998 apud MIOTO & NEGRÃO, 2007) o segundo teste fundamenta-se em um diálogo no qual uma primeira sentença é postulada e, em seguida, negada pela segunda sentença. A gramaticalidade e aceitabilidade da segunda sentença indicará se há foco identificacional (28) ou não; neste último caso, constitui-se uma sentença marginal (29).

- (28) a. Foi uma bolsa que a Maria comprou naquela loja.  
 b. Não, ela comprou um sapato também.
- (29) a. A Maria comprou uma bolsa naquela loja.  
 b. %Não, ela comprou um sapato também.

Por já expressarem exaustividade, impõem-se restrições às clivadas no sentido de que não é possível que interajam com quantificadores e operadores, de acordo com Miotto e Negrão (2007) uma vez que o foco já produz exaustividade, como notado em (30). Quando o sintagma atua como pivô das relativas do conjunto supramencionado, entretanto, não é observada agramaticalidade ou estranheza(31):

- (30) a. \*Foi cada bolsa/toda bolsa que a Maria comprou naquela loja.  
 b. ??Foi também uma bolsa que a Maria comprou naquela loja.  
 c. ?\*Foi até uma bolsa que a Maria comprou naquela loja.  
 d. \*Foi alguma coisa que a Maria comprou naquela loja.
- (31) a. O jornalista entrevistou cada artista que participou do evento.  
 b. O jornalista entrevistou todo artista que participou do evento.  
 c. O jornalista entrevistou também o segurança que participou do evento.  
 d. O jornalista entrevistou até o segurança que participou do evento.  
 e. O jornalista entrevistou alguém que participou do evento.

Note-se também que a quantificação do sintagma nas relativas, mas não nas clivadas, é necessária para que haja a possibilidade de exprimir múltiplas interpretações, ou seja, “de elicitar diferentes interpretações quando interagindo com operadores e sintagmas quantificados.” (MIOTO; NEGRÃO, 2007, p. 181).

Como foco de identificação exaustiva, *Maria*, na cena descrita em (32a) conforme a análise de Miotto e Negrão (2007), foi a única com a qual todos os

convidados quiseram dançar, mesmo que outras garotas também tivessem sido alvo da preferência de alguns dos convidados. Desse modo, pode-se afirmar que “a identificação exaustiva teve escopo sobre o quantificador universal” (MIOTO; NEGRÃO, 2007, p. 181), *todos*. Em (32b), no entanto, extrai-se que todo convidado quis dançar com uma única garota presente na festa, a Maria. Nessa sentença é a quantificação universal que exhibe escopo sobre a informação exaustiva, conforme afirmam Mioto e Negrão (2007).

- (32) a. Foi com a Maria que todo convidado da festa de formatura quis dançar.  
b. Todo convidado da festa de formatura quis dançar com a Maria.

Por outro lado, a interpretação não sofre alterações quando o antecedente da relativa interage com sintagmas quantificados e operadores. Tal afirmativa é exemplificada a seguir:

- (33) a. Eu conheço a menina com quem todo convidado da festa de formatura quis dançar.  
b. Todo convidado da festa de formatura quis dançar com a menina que eu conheço.

Trata-se de sentenças que apresentam apenas uma interpretação, independentemente da posição sintática ocupada pelo pivô: aquela em que o desejo de ter a menina como parceira de dança foi unânime entre todos os convidados da festa.

#### **4 Estruturas Clivadas na Gramática Tradicional**

Os trabalhos acerca da clivagem são cada vez mais emergentes nos estudos linguísticos, não apenas no português brasileiro, como também no português europeu (COSTA; LOBO, 2009; DUARTE, 2000) e angolano (SANTOS, 2010). O trato dado a estruturas clivadas até então delineou-se no sentido de apontar diferenças entre estas construções, as pseudoclivadas e as relativas, consoante a literatura gerativista. Neste item são mostradas as ocorrências das clivadas sob a perspectiva de gramáticas tradicionais.

Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa* (2009), assume essa construção como expressão expletiva ou de realce na seção reservada às figuras de

sintaxe. Descreve-a da seguinte forma: “é a que não exerce função gramatical” (BECHARA, 2009, p. 597). Como exemplo<sup>13</sup>, cita:

- (34) a. Nós *é que* sabemos viver.  
b. Quanto *que* é a conta?

Aplicando às sentenças supracitadas a classificação adotada por Braga, Kato e Miotto (2009), a construção formada por [foco] + cópula + *que* constitui uma clivada invertida, tal qual se propõe a sentença (34a). Já na sentença seguinte, a (34b), tem-se uma interrogativa clivada sem cópula, composta pela expressão *Qu* + cópula + *que* (BRAGA; KATO; MIOTTO, 2009).

Consoante Bechara (2009), os casos de maior incidência da partícula expletiva são aqueles em que há um *que* expletivo posposto a conjunções (35a), advérbios (35b) e locuções adverbiais (35c), sendo que, nesses dois últimos, em caso de circunstâncias de tempo (36a) ou lugar (36b), utiliza-se, respectivamente, *onde* e *quando* em substituição ao *que*.

- (35) a. Enquanto *que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.  
b. Verdadeiramente *que* ficamos amedrontados.  
c. Desde cedo *que* esperava por elas.  
(36) a. No Recife *é onde* fez o primário.  
b. Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

Correspondente à concepção de *que* expletivo proposta por Bechara (2009), na classificação adotada em Braga, Kato e Miotto (2009) tem-se a construção clivada sem cópula ou reduzida, cuja formação se dá por um [foco] + *que*. Já nos casos de substituição de *que* por *onde* ou *quando* para circunstâncias de lugar ou tempo, observa-se uma construção pseudoclivada invertida, configurada por um [foco] + cópula + relativa livre (BRAGA; KATO; MIOTTO, 2009).

Bechara (2009) observa as exceções que se aplicam para a classificação de expressões expletivas: nos casos em que há o verbo *é* junto à conjunção integrante *que* (37a); em construções formadas pelo verbo *é* (vicário), acrescida da conjunção integrante *que* (37b); nas sentenças constituídas pelo verbo *é* mais a conjunção causal *que* (37c).

---

<sup>13</sup> Todos os exemplos mencionados nesta seção foram extraídos e renumerados de Miotto e Negrão (2007, p. 179-181).

- (37) a. A verdade *é que* saíram.  
b. Que quer dizer esse nome? *É que* as almas...  
c. Por que veio? *É que* teve medo. (é que = veio porque)

Sentenças como (37b) e (37c) são analisadas por Braga, Kato e Mito (2009) de modo a integrarem o rol de clivadas apresentativas, compostas pelo verbo copular + *que* + [foco], sendo este foco a sentença completa.

Afora o caso acima, Bechara (2009) indica sentenças que assumimos como clivadas, na seção dedicada à concordância do verbo *ser*. É mencionada a “moderna expressão *é que*” (BECHARA, 2009, p. 559), também de caráter enfático, em que o verbo *ser* se mostra invariável em número, consoante ocorre nos exemplos (38). A variação em número se configura quando o verbo *ser* localiza-se próximo ao termo no plural e distante do *que* relativo (39).

- (38) a. De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.  
b. Nesses livros *foi que* estavam as respostas.  
(39) a. São de homens assim *que* depende o futuro da pátria.  
b. *Foram* nesses livros *que* estavam as respostas.

A clivagem é mencionada nominalmente com o intuito único de diferenciar complemento relativo de adjuntos adverbiais (BECHARA, 2009, p. 437), mediante teste de clivagem em sentenças como:

- (40) a. *É de negócios* de que sempre fala o José.  
b. *É de memória* como sempre fala o José.

Ademais, a *Moderna Gramática Portuguesa* (2009) abrange múltiplos exemplos de estruturas clivadas sem, no entanto, abordá-los como tais. Seja a fim de mostrar o pronome sujeito enfático (41a); ao demonstrar construções relativas nas quais a preposição se distancia do pronome (41b); ao abordar a concordância “do verbo com sujeito de *ser*” (BECHARA, 2009, p. 561) em relativas (41c); alternando a concordância de relativas nas quais o *quem* atua como pronome relativo – ou em terceira pessoa ou concordando com o antecedente (42d); ou dissertando sobre a colocação pronominal em orações subordinadas (41e).

- (41) a. [Eu] *é que* furo o pano [...].  
b. *É [no em]* que essa justificação se resume.  
c. Não fui [eu] *que* o assassinei.

d. Eram [as paixões, os vícios, os afetos personalizados], quem fazia o serviço dos seus poemas.

e. [Tu] que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?

Sobre o exemplo (41d), ressalta-se o fato de que o foco, frisado entre colchetes, não obedece à máxima de Perini (2000) para pseudoclivadas, porquanto o constituinte clivado não apresenta o traço [+humano] que elege a seleção de *quem* como expressão *Qu* nessas construções.

Na *Pequena Gramática do Português Brasileiro* de Castilho e Elias (2012), não há a menção sequer da “expressão expletiva ou de realce” (BECHARA, 2009, p. 597) para correspondência com as estruturas clivadas. Os dados oferecidos contêm, entretanto algumas ocorrências dessas construções: para a exemplificação de pronomes demonstrativos (42a); para destaque dos pronomes quantificadores indefinidos (42b); apresentar auxiliares modais (42c); a fim de ressaltar as propriedades dos artigos (42d); para versar sobre conjunções em sentenças complexas (42e), entre outras ocorrências.

(42) a. Foi a *própria* Camélia quem me fez o convite.

b. Algum dia, alguém vai entrar na sua vida e fazer você perceber porque é que nunca deu certo com mais *ninguém*.

c. *Posso comer* doce de leite, vocês é que não deixam.

d. Lá nós temos... é *uma* terra roxa...

e. Quem cuidava da iluminação eram os vaga-lumes. [...]

Salienta-se a configuração proposta por Braga, Kato e Mito (2009) para construções pseudoclivadas reduzidas, nas quais pronome *Qu* é omitido, o que acontece com exemplo (42d).

Obra que finda as gramáticas tradicionais nas quais se observou a incidência de clivagem no presente trabalho, a *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2008) não traz nenhuma seção ou subseção que indique diretamente a clivagem, nem sequer a partícula expletiva. Algumas estruturas clivadas integram, de modo mais esparso, os exemplos desta gramática, a seguir assinalados:

(43) a. O pior é que entre a espiga e a mão, há o tal muro do poeta, e Rangel não era homem de saltar muros.

b. [...] é que tenho a alma transida pelo que me acontece.

c. O que ele fez com você foi uma injustiça.

d. Como foi que você adivinhou que eles chegavam hoje?

e. Ah! O senhor que é o Pestana?

Com o exposto, fica evidente o *déficit* da gramática normativa ao lidar com um fenômeno tão presente não apenas na oralidade, como também no português brasileiro escrito, conforme se tenciona esclarecer na próxima seção.

## 5 Clivadas no Português Brasileiro Contemporâneo Escrito

Uma vez abordadas as postulações sobre clivagem nas gramáticas tradicionais, demonstra-se neste item a ocorrência das estruturas clivadas no português brasileiro escrito a fim de acentuar a produtividade de tais construções. Para tanto, delimitou-se os dados analisados em duas edições da Revista *Veja* e uma edição da Revista *Veja Brasília*, todas publicadas em outubro de 2013. As sentenças serão segmentadas conforme a classificação proposta por Braga, Kato e Mioto (2009) – clivadas canônicas, invertidas, reduzidas e apresentativas, e pseudoclivadas canônicas, invertidas, reduzidas e extrapostas.

### 5.1 Clivadas Canônicas

cópula + [foco] + *que*

A estrutura das clivadas canônicas, conforme exposto, é constituída do foco, seguido pela cópula e pelo *que*. Em um universo de 34 sentenças encontradas, apenas seis são clivadas canônicas, ou seja, 23% da amostra. A fim de tornar mais clara as funções dos constituintes, o foco foi marcado entre colchetes, a cópula foi sublinhada e o *que* destacado.

(44) Foi [Leone] *que* o levou a estrear no palco.

Foi [assim] *que* a prefeitura, com a ajuda do Ministério Público, desvendou a máfia dos fiscais corruptos.

É [ele] *que* expressa melhor essa característica nacional de gostar tanto ou mais da exibição do que da competição.

É [com a voz embargada] *que* a confeitaria carioca Juliana Luvizaro [...]

É [aí] *que* se economiza.

Foi [ali] *que* ele registrou a *Casa do Chapéu*.

É [pela autonomia sem repressão] *que* choro e rezo todo dia quando vejo tanto desprezo pela liberdade duramente conquistada.

[...] e é [isso] *que* lhe dói agora.

## 5.2 Clivadas Invertidas

[foco] + cópula + *que*

Identificada pela configuração acima descrita, a construção clivada invertida teve quatro ocorrências na análise das publicações. Nesse tipo de estrutura, chama a atenção dados como (46a) e (46d), em que o verbo copular não concordam em número com o verbo da matriz e, ainda assim, mantêm a gramaticalidade.

(45) a. [Esses últimos] é *que* eram contra.

b. Mas [na medicina, ah, na medicina] é *que* eu quero os melhores profissionais. [...]

c. [...] [o último] é *que* deve prevalecer.

d. [Apenas as oportunidades que a vida lhe oferece] é *que* são menos vistosas.

## 5.3 Clivadas sem cópula ou reduzidas

[foco] + *que*

Conforme observado por Braga, Kato e Mioto (2009), esse tipo de sentença é inovador e, portanto, mais raro no português brasileiro. Não foram encontradas sentenças que ilustrassem as clivadas reduzidas nas revistas em análise.

## 5.4 Clivadas Apresentativas

cópula + *que* + [foco = sentença completa]

Composta pela configuração acima demonstrada, as sentenças clivadas apresentativas foram encontradas na amostra apenas nos casos a seguir:

(46) O Berlitz quer é *que* [as pessoas efetivamente aprendam a se comunicar em outros idiomas].

É *que* [nesses casos eles lucram com os produtos, e com uma biografia de terceiros, não].



## 5.5 Pseudoclivadas Canônicas

pronome *Qu* (relativa livre) + cópula + [Predicado focal]

Houve notável incidência das estruturas pseudoclivadas canônicas nos dados analisados. Essas construções abrangeram nada menos do que metade das ocorrências de clivagem encontradas em três publicações da revista *Veja*. Em todas as sentenças encontradas há concordância do verbo copular com o verbo da oração matriz em número e tempo.

(47) *Quem* decide o que cortar é [o país].

*O que* me preocupa é [constatar que o partido político [...]].

*O que* não se admite é [o vandalismo].

*Quem* contou tudo é [um homem do esquema].

*Quem* morre e *quem* vive é [Deus no céu que decide].

*O que* importa é [a presença da família na Igreja [...]].

*O que* os clientes das lojas especializadas em maconha para fins medicinais realmente procuram são [os produtos com maior concentração de THC, não de CBD].

*O que* está para começar aqui é [uma nova corrida do ouro].

*O que* a incomoda no projeto de lei sobre a maconha é [o seu viés estatizante e controlador].

Mas *o que* se tem aqui é [uma batalha do desespero contra a força bruta].

*O que* quero é [ir para o Banco Interamericano de Desenvolvimento].

*Quem* antecipa debate eleitoral é [a oposição].

*O que* não estava prevista era [a adesão em peso do colegiado].

*O que* importa não é [o tamanho da sua moradia, e sim a sua paz interior].

*Quem* a representa aqui é [a empresária Marília Dario].

*O que* nos une é [a alegria de fazer música juntos].

*Quem* tem que voar é [você].

## 5.6 Pseudoclivadas Reduzidas

Caracterizadas pela omissão do pronome *Qu*, as pseudoclivadas reduzidas não foram encontradas na amostra observada. Supõe-se que essas sentenças sejam típicas de um contexto mais informal, dada a sua frequência maior nesse

ambiente em dados do *corpus* Nurc (Norma Urbana Culta) apresentados por Braga, Kato e Mito (2009).

### 5.7 Pseudoclivadas invertidas

[foco] + cópula + pronome *Qu* (relativa livre)

Conforme a estrutura acima explicitada, as pseudoclivadas invertidas são compostas de foco, deslocado para a periferia esquerda, verbo copular e pronome *Qu* encabeçando a relativa livre. É o que se constatou em apenas uma das sentenças de clivagem da amostra, mais especificamente, em uma campanha publicitária.

(48) [Confiança] é o *que* uma marca séria deve transmitir.

### 5.8 Pseudoclivadas extrapostas

cópula + [foco] + pronome *Qu* (relativa livre)

Para finalizar, as sentenças pseudoclivadas extrapostas, caracterizadas pela configuração acima descrita, foram encontradas em duas ocasiões, conforme mostrado a seguir. Ressalta-se que esse tipo de estrutura de clivagem não foi encontrado na análise de Braga, Kato e Mito (2009), no que concerne a dados do Nurc.

(49) Foi [Kennedy] *quem*, de fato, enfiou o seu país na lama do conflito asiático.

Foi [o engenheiro] *quem* revitalizou a associação de moradores.

## 6 Considerações Finais

Munindo-se da literatura gerativista, o presente trabalho buscou analisar e caracterizar sentenças clivadas, distinguindo-as de estruturas pseudoclivadas, e relativas.

Foram contrapostas postulações de trabalhos da literatura gerativista, nem sempre consensuais, no intuito de explanar acerca das diferenças entre clivadas e pseudoclivadas. No tocante às sentenças relativas em contraste com clivadas,

buscou-se argumentos sintáticos, prosódicos e semânticos, fundamentados em Miotto e Negrão (2007), que comprovam a estrutura diferenciada de ambas as construções.

Contraditoriamente à profusão de sentenças clivadas na língua portuguesa, expôs-se a inércia da tradição gramatical diante desse fenômeno, porquanto sua abordagem se dá de forma rasa e insuficiente, quando se faz.

Finalmente, examinou-se a multiplicidade de exemplos de estruturas clivadas em revistas e, mesmo que não propositalmente, nas próprias gramáticas tradicionais demonstrou a produtividade dessas construções, já evidentes na oralidade, também no português brasileiro contemporâneo escrito.

Com todo o exposto, percebeu-se a necessidade do estudo da clivagem, principalmente no que concerne ao trato dado pelas gramáticas tradicionais, dada sua importância e abundância no português brasileiro contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- AKMAJIAN, A. "On deriving clefts sentences from pseudo-cleft sentences". *Linguistic Inquiry*, p. 149-68. 1970.
- AMBAR, M. Clefts and tense asymmetries. In: DI SCIULLO, Anna-Maria (org.). *UG and the external systems*. Amsterdam: John Benjamins, 2004. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=2cXkiQJgzTEC&oi=fnd&pg=PA95&dq=clefts+and+sentences+asymmetries&ots=7pGq0TWBXO&sig=GI-lujZUHr3hIOteQBs-4wwd6sE#v=onepage&q=relatives&f=false>>. Acesso em: 15 nov. 2013.
- ARAÚJO, Flávio Martins de. *A entoação de sentenças clivadas e pseudo-clivadas no português brasileiro*. [Dissertação] Florianópolis, SC, 2010. 125 p.: il., grafs., tabs.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008. 583 p.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed., rev. amp. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 671 p.
- BRAGA, M. L.; KATO, M.; MIOTO, C.. "As construções -Q no português brasileiro falado". In: KATO, M. e NASCIMENTO, M.. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume III. Campinas: Editora Unicamp, 2009. p. 241-289.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ELIAS, Vanda Maria. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012. 471 p.
- CHOMSKY, N. On WH-movement. In: CULICOVER, P.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (eds). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, p. 71-132, 1977.
- CÔRTEZ JUNIOR, M. S., RIBEIRO, I. "As construções pseudoclivadas e clivadas". In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. *O português afro-brasileiro* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, 576 p. ISBN 978-85-232-0596-6. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/p5/pdf/lucchesi-9788523208752-11.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2013.
- COSTA, J., LOBO, M.. 2009. *Estruturas clivadas: evidência dos dados do português europeu não-standard*. In: Anais do Congresso Internacional da Abralín – João Pessoa – 2009. Universidade Federal do Paraná, v. 2, p. 3800-3806.

CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

DUARTE, I. *Sobre interrogativas-Q em português europeu e português brasileiro*. Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil, Évora, 8 mai. 2000. (on-line).

FERNANDES-SVARTMAN, F. R. *Entoação e domínios prosódicos em sentenças pseudo-clivadas do português europeu*. Letras de Hoje, v. 42, p. 69/3-88, 2007.

HIGGINS, F. R. "The Pseudo-cleft Construction in English". Reproduced by the Indiana University Linguistics Club, 1976. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1721.1/12988>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. V. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A.T. de; TORRES DE MORAIS, M. A., LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.L. (orgs). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo, FAPESP; Campinas, Pontes, p. 159-183, 2007.

MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. 2001.

PERINI, Mario A.. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

RESENES, M. S. de. *Sentenças Pseudo-Clivadas do Português Brasileiro*. [Dissertação] Florianópolis, SC, 2009. 143 p.

Revista *Veja*, São Paulo, Editora Abril, edições 2347-8, ano 46, nº 46-7, 13-20 nov 2013.

Revista *Veja Brasília*, Brasília, Editora Abril, ano 1, nº 24, 20 out 2013.

SANTOS, E. F. dos. *Uma Abordagem do CP Clivado no Português de Angola*. Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP), Universidade de Évora, Portugal, 2010.

## ANEXO A – Dados extraídos de revistas *Veja* e *Veja Brasília*

tados, e apoiados pela sociedade e pela Justiça, para poderem cumprir o seu dever. Mas na medicina, ah, na medicina, é que eu quero os melhores profissionais: depois do árduo curso de seis anos, mais uma residência de dois, eventualmente mais

der  
tan  
fir  
tir  
me

io a ma do estado? Sabe quanto economiza na contratação da linha leste do metrô? Duzentos milhões de reais. É aí que se economiza. Não com demagogia, mas brigando com todo mundo.

**Brigando com quem?** Com todo mundo. Economizar não é fácil. Você se indispõe, deixa gente insatisfeita. E não é gente fraca não, é poderosa: empreiteira, construtora. Os cabras juntam quatro ou cinco construtoras grandes e se

mais momentos doídos que tenha, não me quedei ainda. O que quero é ir para o Banco Interamericano de Desenvolvimento.

### **Quem vai ser seu candidato à sucessão?**

Quem antecipa o debate eleitoral é a oposição. Eu tenho de evitar dividir meu tempo com a questão eleitoral. Eleição não ocupa um minuto da mi-

bosa foi o primeiro a defender essa tese. Já era esperado. O que não estava prevista era a adesão em peso do colegiado. Luís Roberto Barroso, cujo voto foi decisivo para que os réus pudessem apresentar os chamados embargos infringentes, lembrou que, apesar das condenações anunciadas no processo

da  
se  
co  
se  
ni  
ao  
n  
m

a levar uma rotina saudável e equilibrada. Confiança é o que uma marca séria deve transmitir. Não fazemos comunicação para crianças menores de 12 anos,

do Vietnã. A hipótese só tem cabimento em um universo paralelo. Foi Kennedy quem, de fato, enfiou o seu país na lama do conflito asiático. Além disso, bater em retirada seria um suicídio eleitoral. “Nenhum presidente demo-

liza  
cor  
mã  
da

segunda, um argumento que, no confronto entre o interesse público e o privado, o último é que deve prevalecer — a mesma opinião, aliás, expressa na sentença do juiz Maurício Chaves de Souza Lima em liminar que proibiu minha biografia de Roberto, em 2007. Quando

Tei  
bo  
gu  
tot  
do  
nã



quando o marido cometa fraude ou adultério; e é isso que lhe dói agora, que quando ela tenta desviar os olhos das coisas que julga feias não encontra algo brilhante para distraí-la, como antes). Mas, embora esteja determinado a dar a Jasmine uma punição exemplar, Allen só finge que a deplora. Na verdade, está com ela e não abre: as pessoas são mesmo um pavor, São Francisco não se compara mesmo a Nova York e não ter fortuna é mesmo uma droga.

Prova de que, para este Allen, ninguém vale nada? Ginger, a bondosa, que perdoou a irmã por tê-la levado a perder todo o seu dinheiro. Aos poucos, a atriz inglesa Sally Hawkins vai revelando as verdadeiras cores de sua personagem: Ginger raciocina igualzinho a Jasmine em tudo — apenas as oportunidades que a vida lhe oferece é que são menos vistosas, e por isso obrigam-na a manter os pés plantados no chão. O na-

TV N  
depo  
prog.

FOTOS DIVULGAÇÃO

o marido e uma filhinha. Com organização, dá para viver bem. O que importa não é o tamanho da sua moradia, e sim a sua paz interior.

Mariana Fonseca Oliveira

e, g  
Soga  
cer  
que  
gonh  
não

mo Jennifer Lopez e Sarah Jessica Parker. No Brasil, Tricia escolheu a capital para debutar a coleção 2014 da Lavish. Quem a representa aqui é a empresária **Marília Dario**. E ela conta uma novidade. Tricia vai desenvolver uma linha para noivas, o que atende a um pedido do

então ministro da Fazenda, Pedro Malan”, diz Reis. Depois de viver situações desse tipo, foi o engenheiro quem revitalizou a associação de moradores, responsável em boa parte pela manutenção da península. Das 190 casas na QL 12, 100 contribuem com os 275 reais cobrados a cada mês.

anas  
vre.  
mas esta arastada o suficiente para servir de refúgio. Foi ali que ele registrou *Casa do Chapéu*, seu segundo CD, que vai ser lançado nesta semana no Teatro Sesc Garagem. Para acompanhá-lo nas sessões de gravação, Cacai chamou os parceiros Vavá Afiouni (baixo) e George Lacerda (percussão). Eles tocam juntos há mais de dez anos. Vavá hoje é mais conhecido por sua participação na banda de rock Passo Largo. E George tornou-se figura popular no samba brasileiro. Mas o primeiro encontro entre os três amigos foi numa roda de choro. “O que nos une é a alegria de fazer música juntos”, resume Cacai, sem dar bola para rótulos e

cinquentona, que se reaprende e reinventa, para a democracia brasileira. É pela autonomia sem repressão que choro e rezo todo dia quando vejo tanto desprezo pela liberdade duramente conquistada.

pedagogos e os não tão bons — esses últimos é que eram contra. Conteí a Lula que eles repudiavam justamente o princípio elementar da olimpíada: a competição. O presidente refletiu e

sa  
já  
prec  
de v

manda, restaurar o equilíbrio macroeconômico e reconquistar a confiança. É o caso atual de Grécia, Portugal e Irlanda. Quem decide o que cortar é o país, e não o FMI. O fundo erra, mas jamais para prejudicar de propósito ou para servir a alguma potência estrangeira, como parecem



Incrível a manipulação de corações e mentes a que pode ser submetido todo um povo. Se o regime dos Castro sobrevive porque conta com o apoio da maioria dos cubanos, ainda é necessário ser estudada a forma pela qual foi obtido esse apoio.

NESTOR RODRIGUES PEREIRA FILHO  
São Paulo, SP

Como brasileiro, o que me preocupa é constatar que o partido político que está no poder aqui há mais de dez anos, e com possibilidade de continuar por mais um período

Barueri, SP

Gritar, manifestar, denunciar, tudo isso é legítimo. O que não se admite é o vandalismo. Onde estão as autoridades?

ANTONIO CARLOS DE MELLO  
Telêmaco Borba, PR

Os brasileiros demonstraram em junho que não estão dormindo em berço esplêndido. Haveremos de conquistar um novo tempo! Fé.

JOSÉ CARLOS XAVIER  
Catanduva, SP

## Stanton Samenow

Excelente a entrevista com o psicólogo

amigo Leone Dória Machado. Foi Leone que o levou a estrear no palco, depois de sugerir que escrevessem uma peça a quatro mãos,

mei  
Fan  
nov  
Dia  
de c

bancários de funcionários públicos com seus salários. Foi assim que a prefeitura, com a ajuda do Ministério Público, desvendou a máfia dos fiscais corruptos. O governador **Geraldo Alckmin** também lançará o bilhete único mensal no metrô e nos trens urbanos, proposta que foi

ot  
re  
co  
di  
Pe  
tã  
pe

iluminado. É ele que expressa melhor essa característica nacional de gostar tanto ou mais da exibição do que da competição. É tão brasileiro isto...".

Placar • Veja 17

do venenoso, a maior facção criminosa do Rio, o PCC e se arma para reaver o domínio dos morros. Quem conta tudo é um homem do esquema

LESLIE LEITÃO

gação doutrinária do Comando Verme-

que  
mei  
facç  
veze  
com  
gran

mas continuam no topo da hierarquia criminosa. "A voz final é deles. Quem morre e quem vive é Deus no céu que decide. Mas, no mundo do crime, são os dois", resume Barbosa.

O tratamento deve ser sem distinções. O que importa é a presença da família na Igreja, e sua rotina e passado familiar."

## odos contraceptivos

e métodos naturais são promovidos por parte das igrejas, para ajudar os casais a pôr em prática a doutrina "humanae vitae"?

cação: a doutrina "Humanae vitae" é a encíclica do papa Paulo VI publicada em 1968 e trata do tema da natalidade. O documento define a proibição da contracepção artificial. Esta, portanto, é uma questão que pouco a pouco vem mudando na Igreja Católica. O papa Bento XVI tratou da questão sob este aspecto.



É com a voz embargada que a confeitaria carioca **Juliana Luvizaro**, de 33 anos (à direita na foto), lembra o dia em que um diácono recusou dar a bênção a ela e a sua companheira, a psicóloga **Cristiana Serra**, de 39, só porque estavam de mãos dadas. As duas mudaram para



agora para aqueles que lançaram livro e filme para se divulgar? É que nesses casos eles lucraram com os produtos, e com uma biografia de terceiros, não. Não há nenhuma questão sobre a proteção do direito à privacidade e a contensão da montanha.

A tradição é pegar o teleferico e fumar maconha no alto das montanhas", diz Lewis. Ele pretende triplicar o número de funcionários. "O que está para começar aqui é uma nova corrida do ouro. Aspen será o maior destino turístico da maconha no mundo", diz o comerciante, cuja margem de lucro chega a 100%.

milhões de adolescentes. O que os clientes das lojas especializadas em maconha para fins medicinais realmente procuram são os produtos com maior concentração de THC, não de CBD. A média ali é 15% de THC. A maconha consumida no Brasil é a que é vendida

claro: maconha aqui nunca falta", diz Alicia, sempre rindo. O que a incomoda no projeto de lei sobre a maconha é o seu viés estatizante e controlador. "O Estado é absolutamente ineficiente. Não consegue sequer acabar com a

**Quem tem que voar é você, não o seu dinheiro. Garanta já as suas férias e pague em até 10x sem juros.**

geram ondas desestabilizadoras. Mas o que se tem aqui é uma batalha do desespero contra a força bruta, e o desespero ganha. Os vinte homens que compõem a tripulação do *Alabama* não portam armas e não estão no